

Relatório

Investimentos

Trimestral



Apresentação dos cenários macroeconômicos: nacional e internacional



IPRESB

INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA SOCIAL
DOS SERVIDORES MUNICIPAIS DE BARUERI

INTRODUÇÃO

Informações sobre o Instituto	3
-------------------------------	---

CENÁRIO MACROECONÔMICO

EUA	5
Europa	10
China	15
Nacional	20

GESTÃO DE INVESTIMENTOS

Comentário da Gestão de Investimentos	26
Informações de Nosso Portfólio	31

INFORMAÇÕES SOBRE O INSTITUTO

Objetivo: Pagar aposentadoria as servidoras e servidores titulares de cargo efetivo do município de Barueri e pensão por morte aos seus dependentes na forma da lei.

Modelo de gestão: Própria com um Comitê de Investimentos deliberativo.

Adesão ao Pró-gestão: Nível III.

Taxa de administração: Uma taxa de até 2,0% sobre a base de contribuições dos servidores ativos.

Meta atuarial de 2025: IPCA + 5,24% a.a.

Performance do portfólio no 1T25: IPCA+0,57% a.a.

Patrimônio líquido: R\$3,767Bi

Presidente do Instituto: Weber Seragini

Servidores do IPRESB que compõem a diretoria de Investimentos e atuária:

Eliezer Antônio da Silva - Gestor de Investimentos e Atuária

Rogério da Silva Guedes - Gerente de Investimentos e Atuária

Bruno Paiva de O. P. Silva - Analista previdenciário - Atuário

Eduardo A. C. B. Cordeiro - Analista previdenciário - Economista

Comitê de Investimentos

Eliezer Antônio da Silva - Presidente do Comitê

Arlane Gomes Ferreira – Membro do Comitê

Erick Marinho da Silva - Membro do Comitê

Diego Stefani – Membro do Comitê

Laís Alencar Bernardes – Membro do Comitê

CENÁRIO MACROECONOMICO INTERNACIONAL – EUA



CENÁRIO MACROECONOMICO INTERNACIONAL - EUA

Inflação

A inflação anual nos Estados Unidos, medida pelo índice de preços ao consumidor (CPI), recuou pelo segundo mês consecutivo e atingiu 2,4% em março de 2025 — o menor patamar desde setembro do ano anterior. O resultado veio abaixo dos 2,8% registrados em fevereiro e das projeções do mercado, que apontavam para 2,6%. Na comparação mensal, o CPI apresentou uma queda de 0,1%, contrariando as expectativas de alta de 0,1% e marcando a primeira deflação desde maio de 2020.

O núcleo da inflação, que exclui itens voláteis como alimentos e energia, também desacelerou, alcançando 2,8% na base anual, menor nível desde março de 2021 e abaixo da expectativa de 3%. Em termos mensais, o núcleo do CPI avançou 0,1% — o menor ritmo desde junho de 2024. A alta foi impulsionada por aumentos em cuidados pessoais, saúde, educação, vestuário e veículos novos, mas compensada por quedas em passagens aéreas, seguros de automóveis, veículos usados e lazer.

O índice de preços ao produtor (PPI) ficou estável em fevereiro em relação a janeiro, após uma alta revisada de 0,6% no mês anterior e abaixo da expectativa de avanço de 0,3%. No comparativo anual, o PPI subiu 3,2%, também abaixo dos 3,7% de janeiro. Já o núcleo do PPI caiu 0,1% no mês e 3,4% no ano, resultado significativamente inferior às projeções. O PPI é frequentemente utilizado como indicador antecedente da inflação ao consumidor.

O índice de preços de gastos de consumo pessoal (PCE), principal métrica de inflação observada pelo Federal Reserve, avançou 0,3% em fevereiro, repetindo o ritmo dos meses anteriores e em linha com as expectativas. Os preços de bens subiram 0,2%, enquanto os de serviços aumentaram 0,4%. O núcleo do PCE registrou alta de 0,4% no mês — a maior desde janeiro de 2024. Em termos anuais, tanto o PCE total quanto o núcleo subiram 2,5% e 2,8%, respectivamente, com este último superando as previsões de 2,7%.

A escolha do PCE pelo Fed se deve à sua abrangência, flexibilidade metodológica e maior alinhamento com a dinâmica do consumo e da política monetária.



CENÁRIO MACROECONOMICO INTERNACIONAL - EUA

Juros

Os formuladores de política monetária do Federal Reserve esperavam que a inflação fosse pressionada para cima este ano devido ao impacto de tarifas elevadas, embora tenham reconhecido uma considerável incerteza quanto à magnitude e à persistência desses efeitos, conforme mostraram as atas da última reunião do FOMC, realizada em março de 2025.

Paralelamente, a maioria dos diretores enfatizou a possibilidade de que pressões inflacionárias oriundas de diferentes fontes se revelem mais persistentes do que o inicialmente estimado. Quase todos os participantes avaliaram que os riscos inflacionários estão inclinados para cima, enquanto os riscos para o mercado de trabalho foram considerados inclinados para baixo.

O Fed manteve a taxa básica de juros inalterada na faixa de 4,25% a 4,5% durante a reunião de março de 2025, estendendo a pausa no ciclo de cortes iniciado em janeiro, conforme amplamente esperado pelo mercado.

A autoridade monetária também elevou suas projeções de inflação para 2025 e 2026 e revisou para baixo a previsão de crescimento econômico para 2025, embora ainda preveja uma redução acumulada de cerca de 50 pontos-base na taxa de juros ao longo deste ano – a mesma expectativa apresentada na projeção de dezembro.



CENÁRIO MACROECONOMICO INTERNACIONAL - EUA

Bolsas

No primeiro trimestre de 2025, os mercados acionários norte-americanos enfrentaram um cenário desafiador, marcado por intensa volatilidade e crescentes incertezas econômicas e políticas. O período foi particularmente impactado pela escalada nas tensões comerciais entre os Estados Unidos e a China, após o anúncio do governo norte-americano de novas tarifas sobre produtos chineses, com destaque para uma possível tarifa adicional de 104%. Esse movimento gerou receios sobre os impactos negativos nas cadeias globais de produção e no crescimento econômico, contribuindo para um sentimento de aversão ao risco entre os investidores.

Além das tensões comerciais, declarações da presidência dos EUA que não descartaram a possibilidade de uma recessão ainda em 2025 aumentaram o pessimismo nos mercados. O resultado foi uma retração nos principais índices acionários do país, com destaque para o desempenho negativo do setor de tecnologia, que já vinha enfrentando desafios relacionados a margens de lucro e cadeias de suprimentos.

O Dow Jones (DJIA) registrou uma queda acumulada de aproximadamente 1,3% no trimestre. Apesar de encerrar o mês de março em alta de 1%, atingindo 42.001,76 pontos, o índice não conseguiu reverter as perdas acumuladas nos dois primeiros meses do ano.

O S&P 500 teve desempenho ainda mais fraco, com uma queda de cerca de 4,9% no trimestre. O índice, composto por uma amostra ampla de empresas dos mais variados setores, refletiu as preocupações com o ambiente macroeconômico e os efeitos das políticas comerciais sobre os lucros corporativos.

O Nasdaq Composite, que reúne empresas de tecnologia e inovação, foi o mais impactado, com uma queda acumulada de aproximadamente 11% nos três primeiros meses do ano. Empresas como Tesla, Apple e Amazon sofreram fortes desvalorizações. A Tesla chegou a registrar uma queda de 15,4% em apenas um dia, enquanto Apple e Amazon também enfrentaram perdas significativas diante das incertezas econômicas e da pressão sobre os papéis de tecnologia.

O trimestre foi, portanto, marcado por uma combinação de riscos externos, tensões comerciais e preocupações domésticas com o crescimento, o que levou a uma postura mais cautelosa por parte dos investidores e uma performance negativa nas bolsas. O mercado agora aguarda os próximos passos da política econômica e comercial dos EUA, bem como eventuais sinais de recuperação ou agravamento do cenário.



CENÁRIO MACROECONOMICO INTERNACIONAL - EUA

PIB

No quarto trimestre de 2024, a economia dos Estados Unidos registrou um crescimento anualizado de 2,4%, segundo os últimos dados do Bureau of Economic Analysis (BEA), divulgados em março de 2025. O resultado representa uma leve revisão para cima em relação à estimativa anterior de 2,3%, refletindo principalmente uma queda maior nas importações do que o inicialmente previsto, o que elevou a contribuição do setor externo para o crescimento.

Apesar da desaceleração em relação ao trimestre anterior – quando o PIB avançou 3,1% –, o desempenho do último trimestre confirma a resiliência da economia americana, sustentada, sobretudo, pelo consumo das famílias. O consumo pessoal aumentou 4%, puxado por altas tanto nos gastos com bens (6,2%) quanto com serviços (3%), marcando o maior avanço desde o primeiro trimestre de 2023. Os gastos do governo também contribuíram positivamente, com um crescimento de 3,1%. Já os investimentos fixos apresentaram retração de 1,1%, puxada principalmente pela queda nos investimentos em equipamentos (-8,7%). Por outro lado, o setor residencial surpreendeu positivamente, com alta de 5,5%. Os estoques privados, no entanto, impactaram negativamente, retirando 0,84 ponto percentual do crescimento do trimestre.

No acumulado de 2024, o PIB dos EUA cresceu 2,8%, resultado estável em relação às estimativas anteriores. Mesmo diante de desafios como a queda nos investimentos e nas exportações, a economia americana segue demonstrando força, com o mercado doméstico se mantendo como o principal motor do crescimento.

Mercado de Trabalho

No primeiro trimestre de 2025, a taxa de desemprego nos Estados Unidos apresentou uma trajetória de alta gradual, encerrando março em 4,2%. Em janeiro, o indicador havia recuado para 4,0%, o menor patamar desde maio do ano anterior, impulsionado por uma leve alta no número de empregados e na taxa de participação da força de trabalho, que chegou a 62,6%.

No entanto, em fevereiro, a taxa subiu para 4,1%, superando as expectativas do mercado. O número de pessoas desempregadas aumentou significativamente, enquanto o nível de emprego caiu expressivamente em 588 mil postos, sinalizando fragilidade nas condições do mercado de trabalho. A taxa de participação recuou para 62,4% e a proporção de pessoas empregadas em relação à população total caiu para 59,9%.

Em março, a taxa de desemprego avançou novamente, atingindo 4,2% – o maior nível desde novembro de 2024 –, apesar do crescimento de 201 mil empregos. O número de desempregados também subiu, mas de forma mais moderada. A taxa de participação aumentou levemente, chegando a 62,5%, e a taxa de desemprego ampliada (U-6) caiu de 8,0% para 7,9%, sugerindo melhora marginal nas condições de subemprego.

Esses dados apontam para um mercado de trabalho em ajuste, com sinais mistos de enfraquecimento e resiliência.

CENÁRIO MACROECONOMICO INTERNACIONAL EUROPA



CENÁRIO MACROECONOMICO INTERNACIONAL - EUROPA

Inflação

A inflação na Zona do Euro apresentou uma clara desaceleração ao longo do primeiro trimestre de 2025, refletindo alívio nas pressões de preços, principalmente devido à queda nos custos de energia e à desaceleração da inflação nos serviços. Em janeiro, a inflação anual subiu para 2,5%, o maior nível em seis meses, impulsionada pelo aumento significativo nos preços da energia (1,9%, contra 0,1% em dezembro). A inflação subjacente permaneceu estável em 2,7% por cinco meses consecutivos, enquanto os preços ao consumidor caíram 0,3%, revertendo o aumento de 0,4% em dezembro.

Em fevereiro, a inflação desacelerou para 2,3%, abaixo da estimativa preliminar de 2,4%. A inflação nos serviços foi de 3,7% (de 3,9%), e a inflação da energia caiu para 0,2%. A inflação subjacente diminuiu para 2,6%, o menor nível desde janeiro de 2022. Os preços ao consumidor aumentaram 0,4%, após a queda de janeiro.

Em março, a inflação caiu para 2,2%, o nível mais baixo desde novembro de 2024, ligeiramente abaixo das expectativas. A inflação nos serviços atingiu 3,4%, o menor nível em 33 meses, e os preços da energia caíram 0,7%. A inflação dos alimentos não processados aumentou para 4,1%. A inflação subjacente caiu para 2,4%. No geral, o primeiro trimestre de 2025 mostrou uma trajetória de queda consistente, aproximando-se da meta de 2% do BCE.

Em 2025, o Reino Unido vivenciou flutuações na taxa de inflação, com variações em diferentes setores da economia. Em fevereiro, a inflação anual caiu para 2,8%, abaixo das expectativas de 2,9%, após registrar 3% em janeiro. A principal contribuição para essa queda foi a redução nos preços do vestuário, que caíram 0,6%, marcando a primeira diminuição desde outubro de 2021. Também houve desaceleração em áreas como lazer e cultura (3,4% contra 3,8%) e moradia e serviços essenciais (1,9% contra 2,1%), especialmente nos aluguéis, que cresceram a uma taxa menor (7,4% contra 7,8%). No entanto, a inflação dos alimentos permaneceu em 3,3%, e os custos de transporte subiram para 1,8%. A inflação dos serviços se manteve em 5%. A inflação subjacente caiu para 3,5%, de 3,7%, e o Índice de Preços ao Consumidor (CPI) subiu 0,4%, abaixo da expectativa de 0,5%.

Em janeiro, a inflação havia acelerado para 3%, impulsionada por aumentos nos custos de transporte, alimentos e educação, devido à inclusão do IVA nas mensalidades escolares privadas. A inflação subjacente subiu para 3,7%, enquanto a inflação dos serviços aumentou para 5%. O CPI, no entanto, caiu 0,1% em comparação com o mês anterior.



CENÁRIO MACROECONOMICO INTERNACIONAL - EUROPA

Juros

No primeiro trimestre de 2025, o Banco Central Europeu (BCE) deu continuidade ao seu ciclo de flexibilização monetária iniciado em 2024, com o objetivo de impulsionar a atividade econômica e consolidar o processo de desinflação. Em janeiro, a instituição reduziu a taxa de refinanciamento principal de 3,15% para 2,90%, e em março promoveu um novo corte de 0,25 ponto percentual, levando a taxa a 2,65%. A taxa de depósito também foi ajustada, chegando a 2,50% no fim do trimestre. Essas medidas refletem a percepção de que a inflação na Zona do Euro está gradualmente convergindo para a meta de 2%, ao mesmo tempo em que o crescimento econômico permanece frágil, com projeções de expansão do PIB em torno de 0,8% para o ano. O BCE também considerou os riscos decorrentes das tensões comerciais globais, especialmente as políticas tarifárias adotadas pelos Estados Unidos, que podem impactar negativamente a economia da região. Com esse cenário, a autoridade monetária sinalizou a possibilidade de novos cortes ao longo do ano, com o objetivo de alcançar uma taxa de juros neutra, estimada entre 1,75% e 2,25%, até o fim de 2025.



No Reino Unido, o Banco da Inglaterra (BoE) adotou uma abordagem mais cautelosa no início de 2025, diante de uma inflação persistentemente elevada e de um crescimento econômico moderado. Em fevereiro, o Comitê de Política Monetária decidiu reduzir a taxa básica de juros de 4,75% para 4,5%, em uma decisão dividida entre os membros – sete votaram por um corte de 0,25 ponto percentual, enquanto dois defenderam uma redução mais agressiva de 0,50 ponto. O corte foi justificado pela trajetória descendente da inflação, embora o banco tenha destacado que pressões nos preços dos serviços e da energia ainda preocupam. Já em março, o BoE optou por manter a taxa em 4,5%, adotando uma postura de “esperar para ver” diante de incertezas globais e domésticas. Apesar da inflação ainda estar acima da meta, o banco revisou positivamente sua estimativa de crescimento para o primeiro trimestre, de 0,1% para 0,25%. Em síntese, o BoE procurou equilibrar o combate à inflação com o suporte à economia, adotando uma política monetária prudente diante de um ambiente ainda volátil.

CENÁRIO MACROECONOMICO INTERNACIONAL - EUROPA

PIB

No quarto trimestre de 2024, o Produto Interno Bruto (PIB) da Zona do Euro permaneceu estável, sem variação em relação ao trimestre anterior. Esse resultado evidencia um quadro de crescimento econômico fraco, marcado por uma demanda interna moderada, incertezas externas — como tensões comerciais — e impactos persistentes de políticas monetárias restritivas implementadas anteriormente para conter a inflação. A estagnação no período reforça a dificuldade da região em recuperar um ritmo mais consistente de expansão.

O desempenho entre os países do bloco foi heterogêneo. Portugal liderou com um expressivo crescimento de 1,5%, seguido pela Espanha, que avançou 0,8%. Essas economias periféricas deram sustentação ao resultado geral, compensando parcialmente a fraqueza das maiores economias da região. A Alemanha, por exemplo, registrou retração de 0,2%, enquanto a França encolheu 0,1%. A Itália manteve-se estagnada pelo segundo trimestre consecutivo. A Irlanda, por outro lado, surpreendeu positivamente com uma revisão de dados que indicou expansão de 3,6%, revertendo estimativas anteriores de contração.

Esse cenário ressalta o papel relevante das economias periféricas no desempenho regional e os desafios enfrentados pelas potências tradicionais da Zona do Euro.

Já a economia do Reino Unido cresceu 0,1% no quarto trimestre de 2024 em comparação com o trimestre anterior, mantendo o mesmo ritmo da primeira estimativa, após um desempenho estável no terceiro trimestre. Pelo lado da produção, o setor de serviços avançou 0,1% (abaixo dos 0,2% estimados anteriormente), com destaque para as atividades de saúde humana e assistência social. A construção civil também cresceu 0,3%, enquanto o setor industrial recuou 0,4% (melhor do que os -0,8% estimados inicialmente), puxado por uma queda de 0,6% na manufatura, especialmente na fabricação de metais básicos e produtos de metal (-2,9%) e equipamentos de transporte (-2%). Pelo lado da despesa, houve retração no comércio líquido e na formação bruta de capital fixo, compensada por um aumento expressivo na formação bruta de capital total. O consumo das famílias subiu 0,1%, revisão para cima em relação à estimativa inicial de estagnação, impulsionado principalmente pelos gastos com restaurantes, hotéis e habitação. Já os gastos públicos aumentaram 0,5%, com destaque para a administração pública, defesa e maior atividade no setor de saúde.



CENÁRIO MACROECONOMICO INTERNACIONAL - EUROPA

Bolsas europeias

Entre 31 de dezembro de 2024 e 31 de março de 2025, as principais bolsas europeias registraram desempenhos mistos, refletindo um cenário de cautela nos mercados diante de incertezas econômicas globais e expectativas em relação às políticas monetárias na região.

O Ibex 35, principal índice da bolsa de Madri, foi um dos destaques positivos do trimestre. O índice acumulou uma valorização de aproximadamente 13,29% no período, impulsionado por ganhos expressivos em empresas do setor bancário e de aviação, além de um ambiente de menor aversão ao risco por parte dos investidores. A recuperação da confiança no mercado espanhol, aliada à perspectiva de cortes de juros por parte do Banco Central Europeu, favoreceu o desempenho dos ativos.

Em contrapartida, outras bolsas da Zona do Euro, como o DAX da Alemanha e o CAC 40 da França, tiveram desempenho mais moderado, refletindo o crescimento econômico contido e a incerteza sobre a trajetória da inflação. Apesar de algum otimismo com o início de um possível ciclo de flexibilização monetária, os investidores seguiram atentos aos riscos externos, como tensões geopolíticas e oscilações nos preços de energia.

De forma geral, o trimestre foi marcado por sinais de recuperação seletiva nos mercados europeus.

No mesmo período, as bolsas do Reino Unido tiveram desempenho positivo, com o índice FTSE 100 acumulando alta de cerca de 5% no trimestre e atingindo um recorde histórico de 8.871 pontos em março. O avanço foi impulsionado principalmente pelos setores de defesa e bancário, favorecidos por maiores gastos militares e perspectivas de cortes na taxa de juros. Empresas como BAE Systems e Rolls-Royce apresentaram valorização superior a 40% no ano, enquanto o setor bancário cresceu 18%. Além disso, dados econômicos mais fracos aumentaram as expectativas de flexibilização monetária por parte do Banco da Inglaterra, contribuindo para o otimismo nos mercados e sustentando o bom desempenho dos ativos britânicos no período.

Mercado de Trabalho

A taxa de desemprego na Zona do Euro apresentou uma trajetória de queda no primeiro trimestre de 2025, alcançando em fevereiro o patamar histórico de 6,1%, o mais baixo desde o início da série em 1998. O número de desempregados diminuiu em 70 mil em relação a janeiro, totalizando 10,580 milhões de pessoas. A melhora surpreendeu os analistas, que esperavam estabilidade em 6,2%. Ainda assim, o desemprego entre os jovens subiu levemente, de 14,1% para 14,2%. Entre as principais economias do bloco, os menores índices foram registrados na Alemanha (3,5%) e nos Países Baixos (3,8%), enquanto Espanha (10,4%), França (7,4%) e Itália (5,9%) apresentaram taxas mais elevadas. Em março, a taxa deve retornar a 6,2%, mas permanece abaixo dos 6,5% registrados no mesmo período do ano anterior, indicando resiliência do mercado de trabalho europeu mesmo diante de incertezas econômicas.

CENÁRIO MACROECONOMICO INTERNACIONAL CHINA



CENÁRIO MACROECONOMICO INTERNACIONAL - CHINA

Inflação

Em março de 2025, o índice de preços ao consumidor (CPI) da China caiu 0,1% em relação ao ano anterior, contrariando as expectativas do mercado, que previam um aumento de 0,1%, e marcando o segundo mês consecutivo de deflação. Essa queda reflete a pressão contínua da disputa comercial com os Estados Unidos, que segue afetando a demanda interna. Ainda assim, o recuo em março foi significativamente mais brando do que a queda de 0,7% registrada em fevereiro, devido à desaceleração na redução dos preços dos alimentos, com alta nos preços da carne suína e recuperação nos preços das frutas.



Os preços de itens não alimentícios subiram modestamente 0,2%, após uma queda de 0,1% em fevereiro. Houve aumentos em habitação (0,1%), saúde (0,1%) e educação (0,8%), enquanto os custos de transporte continuaram em queda, chegando a -2,6%. A inflação subjacente – que exclui alimentos e energia – avançou 0,5% em março na comparação anual, revertendo a queda de 0,1% observada no mês anterior, sinalizando certa resiliência na demanda interna. No entanto, na comparação mensal, o CPI recuou 0,4%, uma queda mais acentuada do que os -0,2% de fevereiro.

Enquanto isso, os preços ao produtor caíram 0,4% em relação ao mês anterior, a maior queda em seis meses, após o recuo de 0,1% em fevereiro. A tendência persistente de deflação nos níveis de consumo e produção indica que a China pode continuar enfrentando dificuldades para estimular a demanda interna diante dos ventos contrários da economia global.

CENÁRIO MACROECONOMICO INTERNACIONAL - CHINA

Juros

Entre janeiro e março de 2025, o Banco Popular da China (PBoC) optou por manter inalteradas suas principais taxas de juros, adotando uma abordagem cautelosa diante de um cenário econômico desafiador. A Taxa de Empréstimo Prime (LPR) de um ano permaneceu em 3,1%, enquanto a de cinco anos seguiu em 3,6%, ambos os níveis mais baixos desde os cortes promovidos em julho e outubro de 2024. Em paralelo, a taxa da Linha de Crédito para Empréstimos de Médio Prazo (MLF) foi mantida em 2,0% nas operações realizadas em janeiro e fevereiro, com injeções de liquidez que somaram 500 bilhões de yuans.

A decisão de manter as taxas reflete a tentativa do banco central chinês de equilibrar o estímulo ao crescimento com a estabilidade da moeda, em meio a tensões comerciais com os Estados Unidos e pressões deflacionárias internas. O objetivo é evitar uma desvalorização mais acentuada do yuan e conter riscos financeiros decorrentes de cortes mais agressivos.

A postura do PBoC acompanha o movimento do Federal Reserve dos EUA, que também manteve suas taxas estáveis, embora tenha sinalizado possíveis reduções ao longo do ano. O PBoC indicou que poderá flexibilizar ainda mais a política monetária no momento adequado, incluindo reduções adicionais das taxas de juros e do coeficiente de reservas bancárias.

No âmbito fiscal, o governo chinês anunciou novas medidas de estímulo para fortalecer a demanda doméstica e suavizar os impactos das tarifas adicionais impostas pela administração Trump, buscando apoiar a recuperação econômica do país.



CENÁRIO MACROECONOMICO INTERNACIONAL - CHINA

Mercado Imobiliário

Entre janeiro e março de 2025, o mercado imobiliário chinês continuou enfrentando desafios, apesar de sinais pontuais de estabilização. As vendas de novas moradias caíram 0,4% em valor no primeiro bimestre, uma melhora significativa em relação à queda de 17,6% registrada em 2024. No entanto, o setor ainda sofre com excesso de oferta, baixa confiança dos consumidores e desaceleração econômica.

Os preços médios de novas moradias nas 70 maiores cidades recuaram 0,14% em fevereiro em relação a janeiro, ampliando a queda de 0,07% observada no mês anterior. Na comparação anual, os preços caíram 5,2%. Além disso, os preços de imóveis usados também apresentaram retração em diversas cidades, refletindo a fragilidade da demanda.

A construção de novos empreendimentos sofreu uma queda acentuada de 29,6% no primeiro bimestre, superando a redução de 23% registrada em 2024. Os investimentos no setor imobiliário diminuíram 9,8% no mesmo período. Esses números indicam que os desenvolvedores permanecem cautelosos diante das incertezas do mercado.

Apesar das medidas de estímulo implementadas pelo governo, como o afrouxamento de restrições à compra de imóveis e incentivos fiscais, os efeitos têm sido limitados. Analistas apontam que fatores estruturais, como mudanças demográficas e renda estagnada, continuam a pressionar o setor. A expectativa é de uma recuperação lenta, possivelmente em formato de "L", com estabilização mais clara apenas a partir de 2026.

PIB

Entre outubro e dezembro de 2024, o Produto Interno Bruto (PIB) da China cresceu 1,6% em termos ajustados sazonalmente, acelerando frente à alta revisada de 1,3% no terceiro trimestre e registrando o maior avanço trimestral desde o início de 2023. Na comparação anual, o crescimento foi de 5,4%, superando as expectativas do mercado e refletindo os efeitos positivos das medidas de estímulo implementadas desde setembro, voltadas para reativar a economia diante de um cenário de desafios internos e externos.

As políticas adotadas buscaram enfrentar riscos de deflação, demanda interna fraca, a prolongada crise do setor imobiliário e o elevado endividamento dos governos locais. No campo monetário, o Banco Popular da China (PBoC) reduziu o depósito compulsório (RRR) em 50 pontos-base em setembro e novamente em fevereiro, além de cortar taxas de juros para ampliar a liquidez e incentivar a atividade econômica.

No acumulado de 2024, a economia chinesa cresceu 5,0%, atingindo a meta oficial do governo. O valor total do PIB alcançou 134,91 trilhões de yuans (cerca de US\$ 18,8 trilhões), consolidando a posição da China como a segunda maior economia do mundo.

Apesar do desempenho positivo, persistem desafios estruturais, como o baixo consumo das famílias, incertezas no setor imobiliário e possíveis tensões comerciais com os Estados Unidos. Esses fatores exigem a continuidade de políticas macroeconômicas eficazes para sustentar a recuperação nos próximos trimestres.

CENÁRIO MACROECONOMICO INTERNACIONAL - BOLSAS ASIÁTICAS

Entre 1º de janeiro e 31 de março de 2025, as principais bolsas asiáticas apresentaram desempenho misto, refletindo a combinação de estímulos econômicos regionais e incertezas globais, especialmente relacionadas à política tarifária dos Estados Unidos.

China Continental

Os índices Xangai Composto e Shenzhen Composto oscilaram ao longo do trimestre. Durante o período, o Xangai Composto e o Shenzhen Composto ficaram praticamente estáveis (-0,01% e 0,86%, respectivamente), pressionados por ações de montadoras e consumo, em meio a preocupações com novas tarifas dos EUA.

Hong Kong

O índice Hang Seng enfrentou volatilidade, mas encerrou o trimestre com alta de 15,25% em março, um dos índices de melhor desempenho global no período, superando mercados como o S&P 500.

Japão

No primeiro trimestre de 2025, o índice Nikkei 225 do Japão apresentou um desempenho negativo, acumulando uma queda de aproximadamente 10,7%. Esse recuo refletiu uma combinação de fatores adversos, incluindo o aumento das tarifas comerciais impostas pelos Estados Unidos, que afetaram significativamente as exportações japonesas.



CENÁRIO MACROECONOMICO NACIONAL



CENÁRIO MACROECONOMICO NACIONAL

PIB

A economia brasileira registrou um crescimento de 0,2% no quarto trimestre de 2024, em relação ao trimestre anterior. O resultado veio após uma alta revisada para baixo de 0,7% no terceiro trimestre e ficou abaixo das expectativas do mercado, que projetavam uma expansão de 0,5%.

A produção industrial avançou 0,3% (ante 1,0% no trimestre anterior), impulsionada principalmente pelos setores de construção (2,5%), indústria de transformação (0,8%) e mineração (0,7%). Já o setor de serviços apresentou uma expansão modesta de 0,1% (ante 0,7% no terceiro trimestre), com os maiores destaques em transporte e armazenagem (0,4%) e comércio (0,3%).

Pelo lado da demanda, os investimentos fixos cresceram 0,4% (ante 2,3%) e os gastos do governo aumentaram 0,6% (ante 0,8%), ajudando a amenizar a forte retração no consumo das famílias, que caiu 1,0% (ante alta de 1,3%). O setor externo teve impacto negativo sobre o PIB, com as exportações recuando 1,3% e as importações caindo 0,1%.

No comparativo anual, a economia brasileira cresceu 3,4% em 2024, após um avanço de 3,2% em 2023 — o ritmo mais acelerado de expansão desde 2021.

Inflação

A taxa de inflação anual no Brasil avançou para 5,06% em fevereiro de 2025, frente aos 4,56% registrados no mês anterior. Esse é o maior patamar desde setembro de 2023 e superou as expectativas do mercado, que projetavam 5%. A alta amplia ainda mais o desvio em relação ao teto da meta de inflação do Banco Central, que é de 4,5%, o que limita a possibilidade de uma postura menos rígida diante da desaceleração do crescimento do PIB.

Os preços ao consumidor voltaram a subir no grupo habitação e serviços essenciais (3,78% ante -0,36% em janeiro), refletindo a redução do impacto dos benefícios temporários concedidos pelo governo nas contas de luz, o que provocou uma forte alta nos custos com energia elétrica (0,33% ante -13,98%). A inflação também acelerou nos grupos de alimentos e bebidas (7,25% ante 7%), vestuário (2,95% ante 2,49%) e bens e serviços de manutenção do domicílio (1,51% ante 0,99%). Por outro lado, a inflação de transportes desacelerou ligeiramente (5,21% ante 5,32%).

No comparativo mensal, o Índice de Preços ao Consumidor (IPCA) subiu 0,16% em janeiro e 1,31% em fevereiro de 2025 em relação aos meses anteriores.

Já a Inflação dos Preços ao Produtor (variação mensal) no Brasil diminuiu para -0,12% em fevereiro, em comparação com 0,15% em janeiro de 2025. Em termos anuais, os Preços ao Produtor no Brasil aumentaram 9,41% em fevereiro de 2025 em relação ao mesmo mês do ano anterior.

CENÁRIO MACROECONOMICO NACIONAL

Juros

Entre janeiro e março de 2025, o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central do Brasil promoveu aumentos consecutivos na taxa básica de juros, a Selic, como forma de conter a inflação persistente no país.

Na primeira reunião do ano, realizada em 29 de janeiro, a Selic foi elevada de 12,25% para 13,25% ao ano — um aumento de 1 ponto percentual. A decisão, unânime entre os membros do comitê, marcou também a estreia de Gabriel Galípolo na presidência do Banco Central.

Na reunião seguinte, em março, o Copom voltou a elevar a taxa em mais 1 ponto percentual, levando a Selic para 14,25% ao ano. Esse patamar não era registrado desde o período entre julho de 2015 e outubro de 2016, durante a crise econômica e política que culminou no impeachment da então presidente Dilma Rousseff.

Embora o principal objetivo dessas medidas seja assegurar a estabilidade de preços, o Copom também busca mitigar flutuações econômicas e contribuir para o pleno emprego. O cenário internacional permanece desafiador, especialmente diante das incertezas relacionadas à política comercial dos Estados Unidos, o que tem alimentado preocupações com desaceleração econômica, desinflação e a condução da política monetária pelo Federal Reserve. Os bancos centrais das principais economias seguem empenhados em fazer suas taxas de inflação convergirem para as metas, apesar das pressões sobre os mercados de trabalho.

No contexto doméstico, os indicadores econômicos e do mercado de trabalho continuam apresentando dinamismo, ainda que o ritmo de crescimento venha se moderando. As expectativas de inflação para 2025 e 2026 sofreram alta significativa, alcançando 5,65% e 4,5%, respectivamente. Diante desse cenário, o Copom mantém uma postura cautelosa e reforça seu compromisso com os ajustes necessários conforme a evolução das condições econômicas.



CENÁRIO MACROECONOMICO NACIONAL

Dólar

No primeiro trimestre de 2025, o dólar apresentou forte volatilidade no mercado brasileiro, refletindo a combinação de incertezas internas e pressões externas. Em janeiro, a cotação da moeda norte-americana ultrapassou R\$ 6,00, impulsionada por insegurança fiscal, expectativas negativas sobre a condução da política econômica e tensões no cenário internacional, especialmente relacionadas à política comercial dos Estados Unidos.

Em fevereiro, o dólar se manteve em um patamar elevado, oscilando entre R\$ 5,90 e R\$ 6,10. A estabilidade aparente escondeu preocupações crescentes com a possibilidade de juros mais altos nos EUA, incertezas quanto às metas fiscais brasileiras e o receio de políticas protecionistas que poderiam impactar as exportações nacionais.

Já em março, observou-se uma leve valorização do real. O dólar recuou e fechou o mês a R\$ 5,70, acumulando queda de 7,27% no trimestre. Esse movimento foi favorecido pelo aumento das exportações agrícolas, que ampliaram a entrada de divisas no país e pela atuação do Banco Central com ofertas de moeda estrangeira.



CENÁRIO MACROECONOMICO NACIONAL

Ibovespa

No primeiro trimestre de 2025, o Ibovespa registrou uma valorização acumulada de 8,29%, marcando seu melhor desempenho trimestral desde o quarto trimestre de 2023, quando subiu 15,12%. O principal impulso veio de março, que sozinho respondeu por uma alta de 6,08%, sendo o melhor mês do índice desde agosto de 2024.

Essa performance positiva foi impulsionada por uma combinação de fatores internos e externos. Internamente, a expectativa de corte na taxa Selic favoreceu setores mais sensíveis ao crédito, como o de consumo e construção civil, embora ainda existam muitas divergências se o início do ciclo de cortes se iniciará no segundo semestre deste ano ou somente em 2026. Externamente, a busca por mercados emergentes por parte dos investidores globais — em meio a valuations atrativos e instabilidade nas bolsas norte-americanas — aumentou o fluxo de capital estrangeiro para a bolsa brasileira.

Outro fator importante foi o alívio nas tensões fiscais domésticas e sinais de controle da inflação, o que reduziu a percepção de risco e melhorou o humor dos mercados. A atuação firme do Banco Central e o aumento das exportações agrícolas também contribuíram para um ambiente econômico mais favorável.

No campo das ações, algumas empresas se destacaram com altas expressivas. A Cogna (COGN3) valorizou-se em 91,74%, puxada pela recuperação do setor educacional. A Magazine Luiza (MGLU3) teve um avanço de 56,15%, refletindo a retomada do varejo, enquanto a CVC Brasil (CVCB3) subiu 53,62%, beneficiada pela recuperação do turismo.

O bom desempenho do Ibovespa no período reforça a confiança gradual do mercado na retomada da economia brasileira, ao mesmo tempo em que destaca o papel central da política monetária e da estabilidade macroeconômica na atração de investimentos.

Mercado de Trabalho

No primeiro trimestre de 2025, a taxa de desemprego no Brasil voltou a subir, refletindo uma deterioração gradual no mercado de trabalho. No trimestre encerrado em janeiro, o índice alcançou 6,5%, registrando um aumento de 0,3 ponto percentual em relação ao trimestre anterior, que havia fechado em 6,2%. Já no trimestre encerrado em fevereiro, a taxa avançou para 6,8%, em linha com as expectativas do mercado. Esse resultado representa uma elevação de 0,7 ponto percentual em comparação ao trimestre encerrado em novembro de 2024, quando a taxa era de 6,1%.

O número de pessoas desempregadas teve um salto de 10,4%, somando 7,5 milhões. Paralelamente, a população ocupada encolheu 1,2%, totalizando 102,7 milhões de trabalhadores. A quantidade de pessoas fora da força de trabalho também cresceu, com alta de 1,4%, atingindo 66,9 milhões.

Apesar do aumento no desemprego, a renda real apresentou melhora, subindo 1,3% e alcançando R\$ 3.378 — o maior valor da série histórica iniciada em 2012. Esse crescimento na renda pode indicar uma recomposição salarial em setores mais qualificados, mesmo diante de um cenário de enfraquecimento no nível de ocupação.

CENÁRIO MACROECONOMICO NACIONAL

Comércio Exterior

No primeiro trimestre de 2025, a corrente de comércio do Brasil – soma das exportações e importações – alcançou US\$ 144,6 bilhões, um crescimento de 5,6% em relação ao mesmo período de 2024. O saldo comercial ficou positivo em US\$ 10 bilhões, resultado de exportações no valor de US\$ 77,3 bilhões (queda de 0,5%) e importações de US\$ 67,3 bilhões (alta de 13,7%).

Somente em março, o superávit foi de US\$ 8,2 bilhões, com exportações de US\$ 29,2 bilhões e importações de US\$ 21 bilhões. A corrente de comércio mensal atingiu US\$ 50,2 bilhões, representando uma alta de 4,3% frente a março de 2024.

Setorialmente, a Agropecuária e a Indústria de Transformação impulsionaram as exportações, com crescimentos de 4,6% e 5,6%, respectivamente, no acumulado do trimestre. A Indústria Extrativa, por outro lado, teve queda expressiva de 16,7%. Nas importações, os maiores aumentos foram observados na Agropecuária (+24,1%) e na Indústria de Transformação (+15,9%), enquanto a Indústria Extrativa caiu 20,9%.

Em termos geográficos, as exportações cresceram principalmente para Europa (+21,25%), América do Sul (+16,86%) e Oceania (+22,93%). Destacam-se os aumentos para países como Espanha, Argentina, Turquia e Uruguai. No entanto, houve retração para mercados importantes como a China (-13,4%), Oriente Médio (-19,96%) e África (-4,47%).

As importações, por sua vez, foram impulsionadas por compras da Ásia (exceto Oriente Médio), com alta de 27,99%, especialmente da China (+34,9%), Índia (+44,2%) e Japão (+21,5%). Em sentido oposto, as importações da América do Sul caíram 9,95%, com destaque para a redução vinda da Argentina (-17,5%).

O desempenho do trimestre refletiu um cenário de retomada da demanda por bens importados, especialmente insumos e máquinas, diante da recuperação de certos segmentos industriais. Apesar da queda nas exportações em alguns mercados estratégicos, o Brasil manteve um superávit robusto, sinalizando resiliência do setor externo mesmo frente às incertezas fiscais internas e oscilações no câmbio.

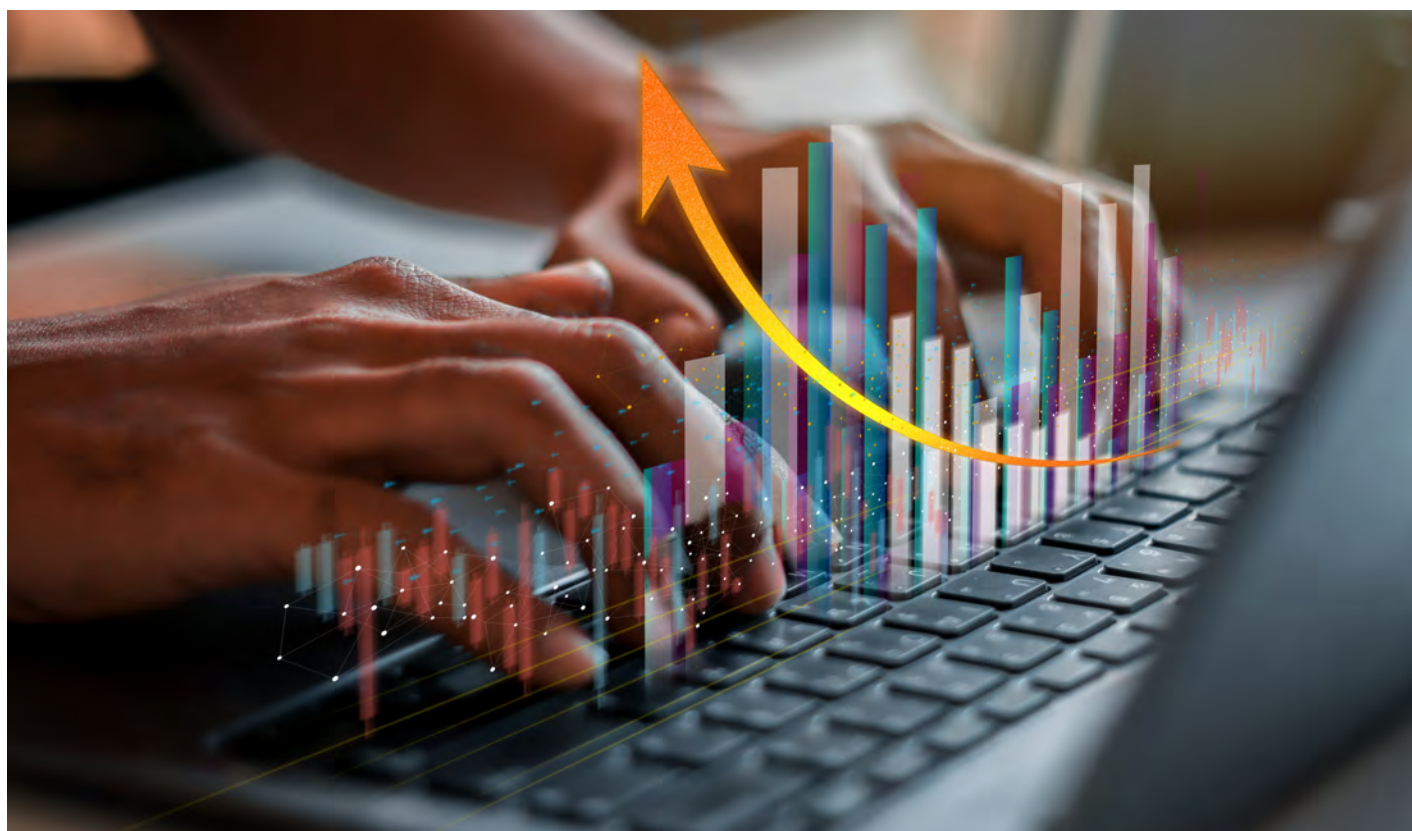


GESTÃO DE INVESTIMENTOS



COMENTÁRIO DA GESTÃO DE INVESTIMENTOS

O trimestre foi muito desafiador para os portfólios, nem mesmo o maratonista brasileiro, o CDI, que rendeu +2,99%, conseguiu entregar a meta neste período. Nossa meta atuarial acumulada ficou em +3,35% e o nosso portfólio +2,62%. A nossa inflação, em especial a do mês de fevereiro, elevou substancialmente a nossa meta atuarial e para agravar, nossos fundos de investimentos globais sofreram fortes remarcações em função da nova política econômica nos EUA. Neste cenário, observamos diversas quebras de correlação, em destaque, o DXY com o VIX. Em geral, quando os agentes de mercado ficam em pânico notamos uma elevação no VIX, ao mesmo tempo que notamos uma fuga de dólares para os EUA. Porém, o que observamos é sim um pânico registrado pelo VIX, porém com uma forte fuga de capital dos EUA. Os agentes econômicos estão receosos em alocar seus recursos na maior economia do mundo, e portanto, observamos um $DXY < 100$. Além disso, o título da dívida norte americana chegou a operar com juros acima 4,8% o que contraria a expectativa de recessão dos agentes econômicos, dado que, havendo uma recessão, a autoridade monetária poderia afrouxar as condições financeiras. Por fim, tudo isso acontece em função da quebra de confiança dos agentes econômicos em investir no até então porto seguro do capital. Tudo está muito nebuloso, não existe um mínimo de visibilidade de qual será a próxima fala do presidente e a direção dos mercados, uma das poucas certezas que se instala é que haverá muita volatilidade nos próximos tempos. O Comitê de Investimentos segue vigilante para deliberar pelo melhor momento para agir.



COMENTÁRIO DA GESTÃO DE INVESTIMENTOS

Carteira de Renda Fixa (art. 7)

Nossa carteira de TPF fechou o ano correspondendo cerca de 88% de nosso PL e performando +1,37% no mês. Neste trimestre, as NTN-B's com vencimentos em anos pares pagaram para o nosso instituto R\$44.142.936,18 na forma de cupons. O Comitê segue convicto que as NTN-B's são os ativos mais adequados para o nosso portfólio dado o seu risco, possibilidade de marcação na curva, fluxo de cupons e total aderência ao nosso passivo.

Os fundos do art.7, I, b, que alocam 100% de seu PL em TPF, que representam cerca de 2% de nosso PL como os fundos da Caixa Aliança, Trend da XP e BB, todos indexados ao CDI entregaram 0,94%, 0,95% e 0,95%, respectivamente.

Os fundos enquadrados no artigo 7, III, a, como o TMJ IMA-B RF e o Rio Bravo, que possuem um risco de crédito misto representando cerca de 1% de todo nosso PL performaram +0,92% e +3,79%, respectivamente

Já os fundos de crédito privado do art.7, V, a, que representam cerca de 0,2% de nossa carteira como os fundos Incentivo Multissetorial II e GGR Prime entregaram este mês +0,78 e -0,56%, respectivamente.

Carteira de Renda Variável (art. 8)

Nossa carteira de fundos de ações é composta por apenas 4 fundos de investimentos. Todos os nossos fundos neste artigo estão enquadrados, e os seus gestores e/ou administradores estão presentes na Lista Exaustiva e, portanto, apesar da volatilidade apresentada por esta parte de nosso portfólio, os fundos são ativos sadios com prestadores de serviços de boa reputação no mercado. Por se tratar de uma carteira de ações esta categoria não possui o risco de crédito, porém está exposto ao risco de mercado onde a marcação do preço de suas cotas varia ao sabor dos ventos da macroeconomia. Dado o contexto descrito acima, neste mês a carteira de ações que corresponde cerca de 2,4% de nosso PL entregou +2,14%.

Carteira de Investimentos no Exterior (art. 9)

Os ativos de renda variável global de nosso portfólio com uma representatividade com cerca de 2,6% de nosso PL alocados em 9, II e 9, III com uma correlação inversa ao nosso Real entregaram -8,91% e -9,74%, respectivamente.



COMENTÁRIO DA GESTÃO DE INVESTIMENTOS

Carteira de Fundos Estruturados (art. 10)

A carteira de fundos multimercados que representa cerca de 1,53% de nosso PL, nos puxou para baixo em -1,76%. Já os fundos de participação (Art.10, II), que representam cerca de 1,37% de nosso portfólio performaram -0,06% neste mês.



Carteira de Investimentos Imobiliário (art. 11)

Os fundos de investimentos imobiliários que representam cerca de 0,5% de todo nosso portfólio entregaram -0,10%. Neste trimestre o fundo Caixa logística pagou (amortização + dividendos) R\$6.638,40 e o fundo INFRA pagou na forma de dividendos R\$112.344,72.

Fechamento do Portfólio no mês

Desta forma, nossa performance para o último mês do ano ficou em **+0,92%**, acumulando uma rentabilidade neste trimestre de **+2,62%** e fechando com um patrimônio líquido de **R\$ 3.767.555.354,82**.

Relatório Analítico

Retorno e Meta Atuarial - MARÇO 2025

Enquadramento da Resolução CMN nº 4.963/21	Enquadramento	% da Carteira	Limites da Política - DPIN < MIN ; ALVO ; MAX >	% da Carteira	
Titulos Públicos Federais	Art. 7º, I, a	87,74%	< 50% ; 70% ; 95% >		
Fundo RF - 100% Tit do Tesouro Nacional	Art 7º, I, "b"	2,03%	< 1% ; 5% ; 25% >		
Fundo RF - Geral	Art. 7º III, a	1,02%	< 0% ; 3% ; 20% >		
Fundo RF - FIDC - Direitos Creditórios	Art. 7º, V, a	0,18%	< 0% ; 1% ; 2% >		
Fundo RV - Ações Geral	Art. 8º, I	2,41%	< 0% ; 3% ; 15% >		
Fundo RV - Invest no Exterior - FI no Exterior	Art. 9º, II	2,55%	< 0% ; 3% ; 10% >		
Fundo RV - Invest no Exterior - FI BDR NIVEL I	Art. 9º, III	0,79%	< 0% ; 3% ; 10% >		
Fundo RV - Multimercado	Art. 10º, I	1,46%	< 0% ; 8% ; 15% >		
Fundo RV - FIP - Participações	Art. 10º, II	1,35%	< 0% ; 2% ; 8% >		
Fundo RV - FII - Imobiliário	Art. 11º	0,48%	< 0% ; 1% ; 5% >		

ACOMPANHAMENTO DE RECURSOS NO ANO							
Período	Recursos	Contribuições	Pagamento de Benefícios	Comprev	Rentabilidade Mensal	Crescimento P.L. - (mensal)	Rend Médio Trimestral
Janeiro	R\$ 3.668.001.792,07	R\$ 33.778.542,65	R\$ 22.322.068,20	R\$ 2.504.586,71	R\$ 30.188.274,55	1,18%	0,86%
Fevereiro	R\$ 3.718.358.711,85	R\$ 33.891.470,52	R\$ 22.872.812,10	R\$ 9.925.638,68	R\$ 30.606.251,14	1,37%	
Março	R\$ 3.767.555.354,82	R\$ 33.927.429,68	R\$ 23.154.074,75	R\$ 5.308.058,98	R\$ 34.081.372,06	1,32%	
Abril							
Maio							
Junho							
Julho							
Agosto							
Setembro							
Outubro							
Novembro							
Dezembro							

MÊS	IPCA		IPCA+5,24% a.a. (ACUMULADO)		DESEMPENHO DO PORTFÓLIO		
	MENSAL	ACUMULADO	MENSAL	ACUMULADO	RENDIMENTO MENSAL	ACUMULADO	RENTAB. MÉDIA
Janeiro	0,16%	0,16%	0,59%	0,59%	0,83%	0,83%	0,83%
Fevereiro	1,31%	1,47%	1,74%	2,34%	0,83%	1,68%	0,83%
Março	0,56%	2,04%	0,99%	3,35%	0,92%	2,62%	0,86%
Abril							
Maio							
Junho							
Julho							
Agosto							
Setembro							
Outubro							
Novembro							
Dezembro							
INDICADORES DE REFERÊNCIA							
INDICADOR		MÊS	ACUMULADO				
IBOVESPA		6,08%	8,29%				
CDI		0,96%	2,98%				
DOLAR		-1,82%	-7,27%				
IPCA		0,56%	2,04%				



RESUMO DAS INFORMAÇÕES	
RECURSO NO INICIO DO EXERCICIO.	R\$ 3.625.307.593,31
TOTAL DE RECURSOS INVESTIDOS + SALDO EM CONTA CORRENTE	R\$ 3.767.555.354,82
TOTAL DAS CONTRIBUIÇÕES	R\$ 101.597.442,85
TOTAL DE RENDIMENTOS	R\$ 94.875.897,75
VARIAÇÃO DO P.L.	3,92%
META ATUARIAL ACUMULADA (IPCA + 5,24% a.a)	3,35%
RENDIMENTO DA CARTEIRA DE INVESTIMENTOS EM % ACUMULADO	2,62%
CUMPRIMENTO DA META ATUARIAL NO PERIODO	78%

Este relatório visa dar publicidade à Carteira de Investimentos do IPRESB, contendo as informações do mês. A partir do mês 06/2022, iremos utilizar as APR's, sobre as movimentações dos fundos, emitidas pelo sistema do CADPREV. O Instituto possui contrato com a empresa Nelógica Sistemas de Software Ltda, CNPJ 05.898.757/0002-49 pelo período de 14/12/2024 a 13/12/2025, Valor: R\$ 1.359,81 mensal. Processo: nº 049/2024 contrato 21/2023. Valor referente ao COMPREV consta Regime Geral/Municipais e Estaduais e juros quando houver.

INFORMAÇÕES DE NOSSO PORTFÓLIO



INFORMAÇÕES DE NOSSO PORTFÓLIO

O Comitê segue com um manejo mais conservador buscando alocar majoritariamente em títulos públicos federais enquadrados no art. 7, I, a da Resolução do Conselho Monetário Nacional 4.963/21. Como podemos observar no último relatório trimestral (ata de N°02 de 30/01/2025) houve um incremento neste artigo de aproximadamente R\$218M em relação ao trimestre passado.

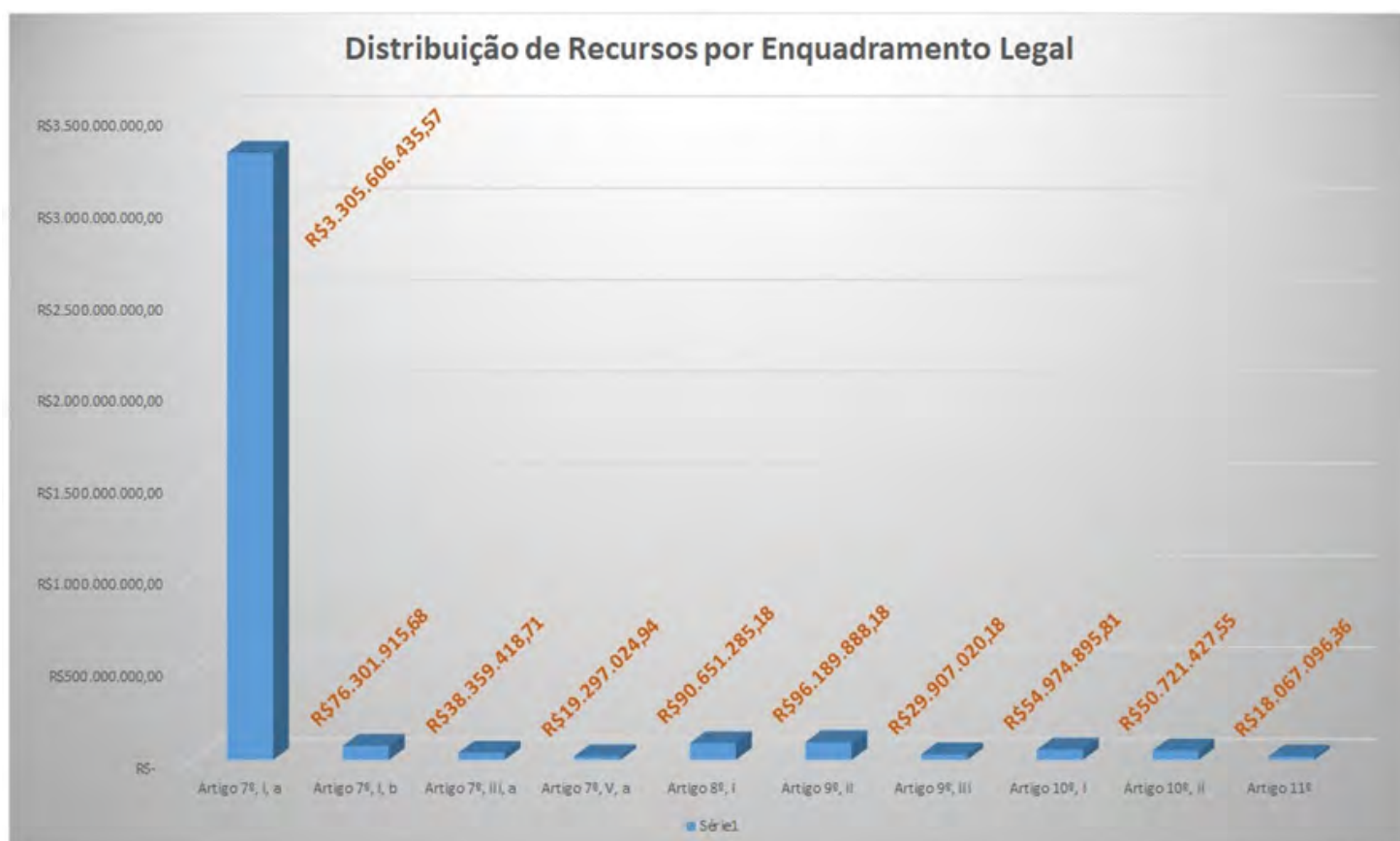


Figura 01 – Distribuição dos recursos garantidores por segmento da 4.963/21.

INFORMAÇÕES DE NOSSO PORTFÓLIO

Seguimos como o nosso principal parceiro o Tesouro Nacional além de bancos e Asset's de grande reputação sendo os maiores distribuidores de ativos no universo dos RPPS.

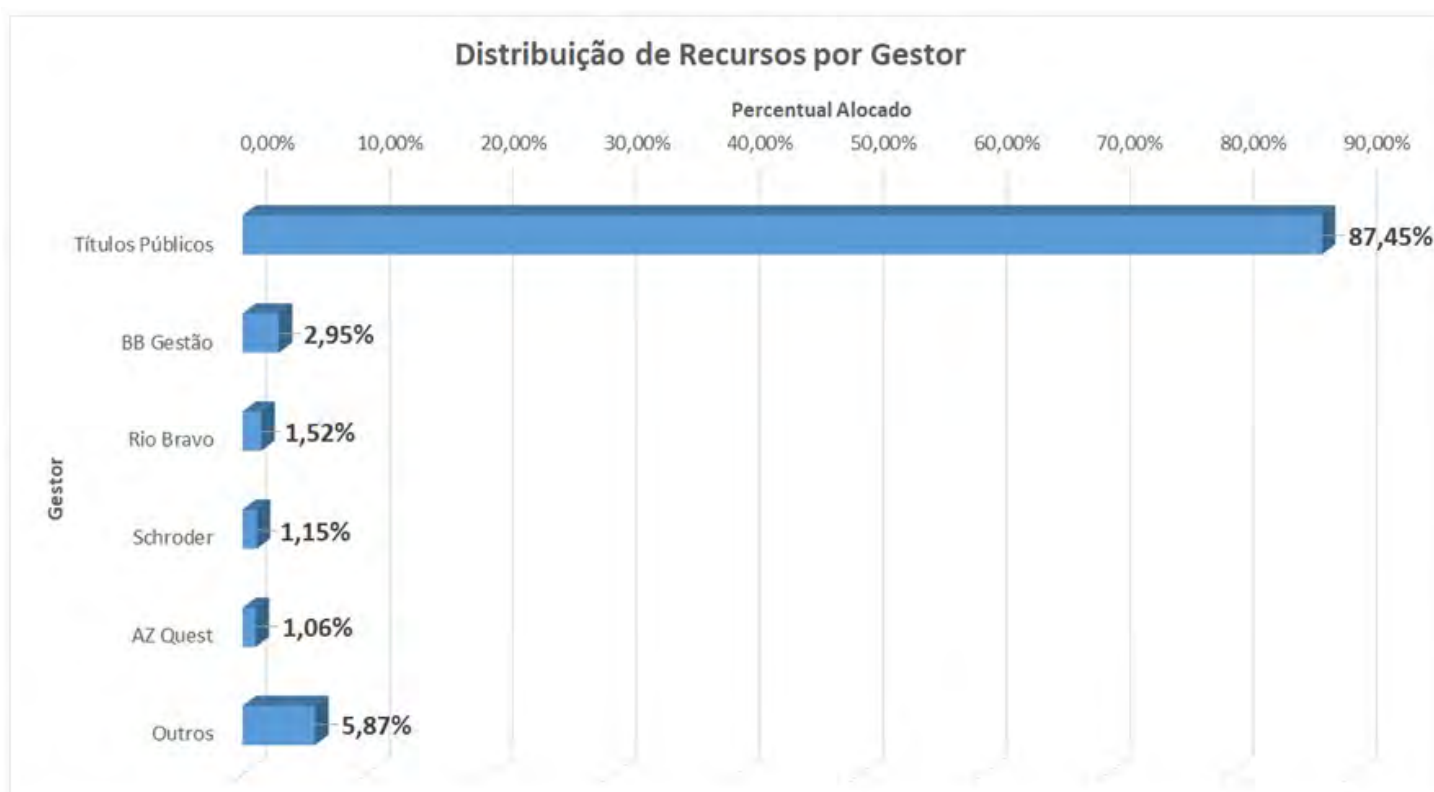


Figura 02 – Distribuição dos recursos garantidores por gestores.

INFORMAÇÕES DE NOSSO PORTFÓLIO

A nossa principal estratégia segue sendo o “IPCA+” estratégia que está fortemente correlacionado ao nosso passivo. Note que o Comitê deliberou pelo resgate de R\$218M dos fundos CDI para alocar nas NTN-B’s.



Figura 03 – Distribuição dos recursos garantidores por estratégia.

INFORMAÇÕES DE NOSSO PORTFÓLIO

Risco do portfólio

O risco de nosso portfólio que é medido pelo VaR segue reduzindo. O Value at Risk amplamente utilizado e prevista em nossa Política de Investimentos quantifica a maior perda esperada para um horizonte de 252 dias úteis em um intervalo de 95% de confiança em condições normais de mercado. Trata-se de uma métrica de risco de natureza estocástica que mede o risco de mercado do tipo paramétrico. Iniciaremos o próximo ano com um VaR = 1,12%.

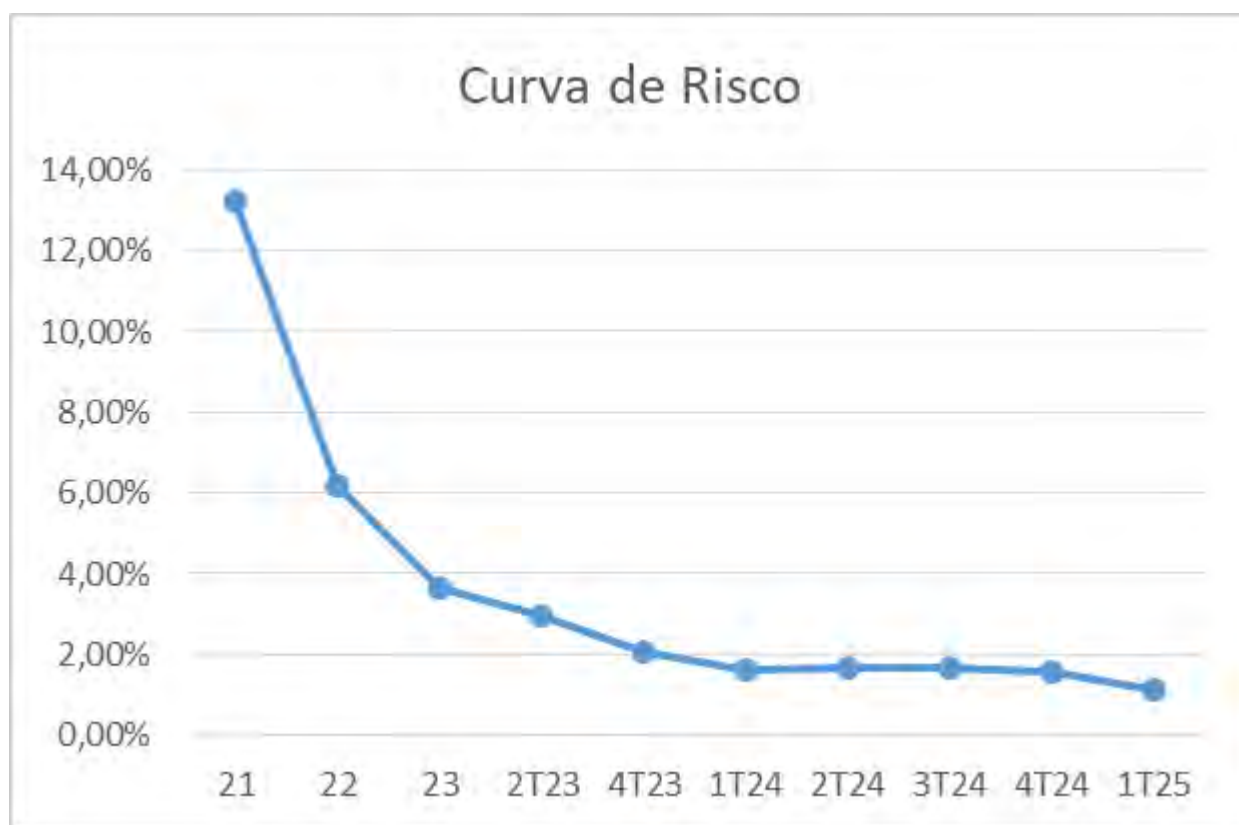


Figura 04 – Curva de risco do portfólio nos últimos anos.